

# Notas sobre as conexões teóricas entre mídia e representação social

**Carlos Alexandre de Carvalho Moreno**

Doutor em Semiologia (UFRJ) e Professor Adjunto da FCS/UERJ

15

## **Resumo:**

Este trabalho articula conceitualmente comunicação, representação social e conhecimento numa tentativa de compreender aspectos do papel da mídia na sociedade contemporânea. O texto recorre, no campo dos estudos midiáticos, à Teoria do Jornalismo, bem como a elementos da Teoria das Representações Sociais e da Sociologia do Conhecimento. A conexão desses campos teóricos justifica a abordagem construtivista, pois tal paradigma relaciona as três áreas de pesquisa.

**Palavras-chave:** comunicação; representação social; teoria.

## **Abstract:**

*In order try to understand the complex function of the media in contemporary society, this text relates in conceptual terms the notions and fields of Communication, Social Representation and Knowledge. Concerning media research, the contribution of Journalism Theory is used here as a very important instrument. The ideas of Serge Moscovici, creator of the Theory of Social Representation, and Berger & Luckmann, authors of The Social Construction of Reality, are also useful for the setting of the constructivist approach of this work.*

**Keywords:** *communication; social representation; theory.*

1. A mídia é atualmente um dos principais mediadores das representações sociais.

2. A seguinte definição de representação social deteria um amplo consenso entre os pesquisadores que discutem o conceito: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Cf. GUARESCHI, 1995: 202).

3. O jornalismo, por exemplo, tem sido um recurso importante para a pesquisa em representações sociais. Isso ocorre desde a publicação, em 1961, do estudo *Psychanalyse: son image et son public*, realizado por Serge Moscovici, a partir do qual a Teoria das Representações Sociais (TRS) emergiu no âmbito da psicologia social européia (FARR, 1995: 31). Em jornais e revistas publicados na França nos anos 50, Moscovici fez parte significativa do levantamento das referências à psicanálise que serviram de base para sua análise pioneira.

4. O conceito de representação social tentaria “superar dois unilateralismos teóricos: de um lado, o coletivismo por vezes abstrato de sociólogos clássicos como Durkheim e, de outro, o subjetivismo da psicologia tradicional” (MOSCOVICI & SOARES, 2003). De acordo com o próprio Serge Moscovici, “embora Durkheim vez por outra usasse a noção de representações sociais, para ele as representações coletivas eram algo de institucional – como o sistema religioso ou mesmo o científico – e se referiam a um problema da estabilidade social”. O problema da sociologia durkheimiana teria sido da integração e da estabilidade. Já a noção de representação social, associada por Moscovici ao mundo moderno, teria mais relação com a prática cotidiana, com a linguagem cotidiana e com “algo que se costuma chamar de ‘senso comum’, uma forma de conhecimento e de organização do conhecimento que é independente da forma científica, e que aprendemos desde que somos muito jovens, de maneira imediata, enquanto as formas de conhecimento científico são mais formalizadas, especializadas”. Para o criador da TRS, as representações sociais “difícilmente são criação de um indivíduo isolado, mas podem ser elaboradas por pequenos grupos ou movimentos de opinião e depois se irradiar para a cultura mais ampla, como no caso dos surrealistas” (Ibidem).

5. As representações sociais, no universo conceitual estabelecido por Serge Moscovici, são, portanto, teorias do senso comum: “conhecimentos produzidos espontaneamente dentro de um grupo, fundados na tradição e no consenso” (GUARESCHI, 1995: 212). Nesse ponto, pode ser verificada forte conexão entre a TRS e os estudos midiáticos, desde que se entenda que o conhecimento proporcionado pelo jornalismo tem papel fundamental na construção do próprio senso comum (MEDITSCH, 1997).

6. Moscovici teria enfatizado o poder de criação das representações sociais e inscrito sua abordagem teórica entre as perspectivas construtivistas, destacando, inclusive, o fato de sua obra sobre a imagem da psicanálise (1961) e o

livro de Berger e Luckmann (1966) que fundamentou o paradigma da “construção social da realidade” terem surgido na mesma época (SPINK, 1995: 120).

7. Por sua vez, o teórico português Nelson Traquina aponta que, no contexto do “surto da investigação acadêmica sobre o jornalismo a partir dos anos 60 e 70”, surgem teorias que passam a partilhar um novo paradigma: o da notícia como construção social. Um exemplo seria a teoria etnoconstrucionista (2001: 85). Tal abordagem permitiria a crítica do empiricismo ingênuo do jornalista. As notícias passam então a ser compreendidas como resultado de “processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização” (Ibidem).

8. A teoria etnoconstrucionista busca um entendimento da complexidade do processo de produção das notícias, que, de acordo com a explicação de Traquina, suporia a interação de diversos agentes sociais, que exercem papel ativo numa negociação constante (Ibidem: 99). Citando os pesquisadores Lester e Molotch, o teórico apresenta um dinâmico e complexo jogo noticioso, em que alguns dos participantes são caracterizados justamente por sua ligação com o acontecimento. Haveria três categorias de jogadores: (1) promotores de notícia; (2) news assemblers (os jornalistas); (3) consumidores de notícias. Os promotores de notícia (promoters) seriam os participantes definidos pela relação com o acontecimento. São, então, identificados dois tipos de promotores: os executores, que fazem ou participam do acontecimento, e os informadores, que, embora não tendo participado do acontecimento, assumem o papel de informar os meios noticiosos sobre a sua existência.

9. Lester e Molotch estabelecem uma distinção entre a mera ocorrência e o acontecimento propriamente dito, definido como “ocorrências que são criativamente utilizadas na demarcação do tempo” (1993: 35). Nelson Traquina destaca a importância da diferença feita pelos pesquisadores etnoconstrucionistas entre ocorrências e acontecimentos: “A distinção é vital porque sublinha o papel estratégico do campo jornalístico no funcionamento das sociedades modernas e na comunicação política” (2001: 100). A constituição de um acontecimento, ou de uma questão em notícia, significaria dar existência pública a esse acontecimento ou a essa questão, de constituí-los como recursos de discussão.

10. Os teóricos etnoconstrucionistas refletiriam ainda sobre o acesso dos promotores aos meios de comunicação de massa e concluiriam que a produção de notícias só pode ser entendida no contexto da economia política da sociedade dentro da qual ela ocorre (Ibidem: 112). A idéia é que, diferentemente do presidente de uma nação, que costuma ter enorme acesso ao campo jornalístico, outros agentes sociais são habitualmente tratados de modo excludente pela mídia. Como exemplifica Traquina, movimentos sociais com poucos recursos

dificilmente vêem os seus acontecimentos transformados em notícia (Ibid.).

11. As diferenças de acesso aos meios jornalísticos indicam bem que as notícias são resultado de complexo processo de interação social, no qual interessa não apenas a mencionada relação entre promotores de acontecimentos e o campo jornalístico, mas também o que se estabelece dentro da própria tribo dos profissionais da informação. A troca de saberes e experiências entre os jornalistas é muitas vezes o elemento decisivo na construção da notícia. No campo jornalístico, constituído pelo “conjunto de relações entre agentes especializados na elaboração de um produto específico conhecido como a informação” (Ibid.: 20), é habitual ocorrer uma avaliação, ainda que informal, do processo noticioso, quando os veículos concorrentes são consultados ou pelo trabalho analítico do ombudsman.

12. Numa perspectiva assumidamente construtivista, pesquisas recentes no campo da TRS têm como pressuposto que “a vida social não é imediata; ela é mediada” (JOVCHELOVITCH, 2000: 81). Mediações sociais, como a comunicação e o trabalho, revelariam “a aventura da busca humana para dar sentido e entender sua própria existência no mundo” e seriam, em todas as suas formas públicas, as geradoras das representações sociais.

18

13. Pesquisadores de psicologia social consideram os meios de comunicação de massa como os principais mediadores contemporâneos das representações sociais (Ibidem: 82). Na introdução do livro *Textos em representações sociais*, é apresentado o seguinte argumento: “Em sociedades cada vez mais complexas, onde a comunicação cotidiana é em parte mediada pelos canais de comunicação de massa, representações e símbolos tornam-se a própria substância sobre as quais ações são definidas e o poder é – ou não – exercido” (GUARESCHI e JOVCHELOVITCH, 1995: 20).

14. Os meios de comunicação seriam “uma mediação que oferece ao sujeito individual uma perspectiva que não pode ser apreendida dentro dos limites de sua experiência pessoal imediata”. A mídia conectaria e ligaria “vidas individuais ao construir uma cadeia de códigos compartilhados e reconhecidos que são constitutivos” das representações sociais (JOVCHELOVITCH, 2000: 218).

15. Professor Titular de Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Celso Pereira de Sá também argumenta que “é com as práticas sócio-culturais e com a comunicação de massa que o estudo das representações sociais mantém as relações mais significativas” (1998: 43). Segundo o pesquisador, além de constituírem importantes fontes de formação das representações no mundo contemporâneo, é nos meios de comunicação de massa “– na televisão, em especial – que melhor se configura a tendência à concretização das idéias em imagens” (Ibidem: 71). Os suportes que veiculam as representações na vida cotidiana seriam “basicamente os discursos das pessoas e grupos que mantêm tais representações, mas também os seus

comportamentos e as práticas sociais nas quais estes se manifestam”. Pereira de Sá observa que ainda seriam “raras, pelo menos no Brasil, as pesquisas que tomam como fontes de dados manifestações culturais ou matérias veiculadas pela mídia”. E afirma que “seria interessante que alguns dos novos pesquisadores das representações sociais se engajassem em estudos dessa natureza” (Ibid.: 57). Nesse sentido, Celso Pereira de Sá aborda o modo de lidar com o material publicado pela imprensa (Ibid.: 86). Para ele, a combinação entre a coleta de textos escritos e a análise de seu conteúdo constituiria um recurso metodológico importante na pesquisa das representações sociais. Uma vantagem do uso dos textos seria a possibilidade de “tentar identificar de modo mais objetivo as origens, circunstâncias e propósitos de tal produção verbal”.

16. O estudo de Sandra Jovchelovitch sobre representações sociais e esfera pública é um exemplo de eficácia no uso analítico de material publicado pela imprensa (2000). Para o seu trabalho, a pesquisadora selecionou cinco jornais (Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Correio Brasiliense e Zero Hora, por dez dias consecutivos, de 5 a 14 de maio de 1992) e duas revistas (Veja e IstoÉ, durante todo o mês de maio de 1992) (Ibidem: 220). A comunicação jornalística foi investigada através da análise de conteúdo, na sua vertente temática, ou seja, o “reconhecimento de certos temas, ou idéias, no texto” e o seu enquadre em determinadas categorias (Ibidem: 219). Percebendo os modos de enquadramento de temas como violência urbana e corrupção política nas mensagens veiculadas pela imprensa, Jovchelovitch confirmou que “os meios de comunicação também expressam pressupostos que pertencem ao estoque cultural das sociedades nas quais eles operam” (Ibid.: 103). Ao apresentar os resultados de sua análise da construção simbólica dos espaços públicos no Brasil, a pesquisadora destacou a visão de que “os jornais perpetuam e ao mesmo tempo constroem representações sociais”.

17. Se, no âmbito da psicologia social, a representação social é definida como uma forma de conhecimento, este parece ter aí o mesmo estatuto que lhe é atribuído pelos sociólogos Peter L. Berger e Thomas Luckmann. Para eles, a sociologia do conhecimento tem de tratar, sobretudo, “dos processos pelos quais qualquer corpo de ‘conhecimento’ chega a ser estabelecido como ‘realidade’ (1978: 13). Assim, tal disciplina deveria principalmente ocupar-se do “que os homens ‘conhecem’ como ‘realidade’ em sua vida cotidiana, vida não teórica ou pré-teórica” (Ibidem: 29). Seu foco central, portanto, seria “o ‘conhecimento’ do senso comum” (Ibid.). Justamente este – que antes era desprezado pela teoria, pois a ciência moderna teria se constituído com base em sua negação – tornou-se objeto digno de consideração quando “as ciências humanas passaram a valorizar a observação do cotidiano para o desvendamento das relações sociais” (MEDITSCH, 1997).

18. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Eduardo Meditsch – autor de O conhecimento do jornalismo, lançado em

1992 pela Editora da UFSC – defende exatamente a hipótese de que o jornalismo “é uma forma de produção de conhecimento” (Ibidem). Contudo, reconhece, que na prática, tal forma de conhecimento “tanto pode servir para reproduzir outros saberes quanto para degradá-los”, apontando ser provável que muitas vezes faça as duas coisas simultaneamente. Mas, para o teórico, o jornalismo “não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente”, podendo dessa forma “revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978. (247 p.)

FARR, Robert. “Representações sociais: a teoria e sua história”. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (p. 31-59)

GUARESCHI, Pedrinho A. “Sem dinheiro não há salvação: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais”. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (p. 191-225)

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (232 p.)

LESTER, Marilyn e MOLOTCH, Harvey. “As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos”. In: TRAQUINA, Nelson. (dir.) *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993. (p. 34-51)

MEDITSCH, Eduardo. “O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?”. Conferência feita nos Cursos da Arrábida, Universidade de Verão (Lisboa, Portugal), em setembro de 1997. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/medit-sch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>.

MOSCOVICI, Serge & SOARES, Caio Caramico. “A máquina conceitual de fazer deuses” (entrevista). In: FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 28 de setembro de 2003.

RODRIGUES, Adriano Duarte. “O acontecimento”. In: TRAQUINA, Nelson. (dir.) *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993. (p. 27-33)

SÁ, Celso Pereira de. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. (110 p.)

SPINK, Mary Jane. “Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais”. In: GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (p. 117-145)

TRAQUINA, Nelson (dir.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993. (360 p.)

\_\_\_\_\_. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001. (220 p.)